Nessa noite, hesitou. Que corpo dar a si própria? À espera do desabrochar de um encontro, após uma longa maturação, hesitou. Ela sabia que o homem com quem se ia encontrar não usava perfume e não tinha a certeza se ele gostaria que a mulher com quem se ia encontrar usasse. Não era a primeira vez que se encontravam, mas até então ela tivera o cuidado de usar apenas alguns aromas verdes. Na altura, ela estava no auge da sua fama no ramo. Dizia-se que era capaz de assumir qualquer papel, dependendo daquele com quem estava. Cada cliente tinha uma imagem completamente diferente dela, e era isso que atraía tantos pretendentes. As suas concorrentes, invejosas, tentavam descobrir o segredo do seu sucesso. Na verdade, ela não podia gabar-se de ter um corpo excecional ou uma beleza inigualável. De estatura média, com pouco peito e mãos pequenas e carnudas, ela não era carismática por natureza. Porém, ela não escondia o seu segredo. Tinha uma coleção de perfumes e mudava de fragrância consoante a visita. Com o seu amigo de infância, agora perfumista, criou uma parceria para a ajudar a criar as suas personagens. Era como se tivesse um mágico à mão de semear. O seu amigo perfumista era o realizador e ela a diva do Palais-Royal. Por vezes, exalava uma aura de fragilidade, como uma borboleta a sair da crisálida; outras vezes, envolvia-se num perfume de mistério, para enganar aquele que perseguia a sua silhueta imaculada, como nos corredores labirínticos de um edifício clerical. Ora era tão ardente como as noites na Andaluzia; ora parecia uma estrangeira vinda do país das areias. O perfume cria a expressão facial. Se os nossos sentimentos transparecem no nosso odor corporal, também podemos brincar com eles, mascará-los, duplicarmo-nos. Ela aprendeu a transformar-se, mas o que a tornava inimitável era sobretudo o seu dom de identificar a personalidade dos outros e de escolher o perfume que os atraía. Aqueles que a conheciam só podiam guardar a memória desse perfume que se evaporava. O que tornava o desejo ainda mais forte assim que saíam do seu quarto. E, no entanto, esse homem com quem tinha um encontro privado, o encontro mais importante aos seus olhos, ela não o conseguia entender. Tendo compreendido, ou pelo menos pressentido, que ele não apreciava perfume, era como se já não pudesse utilizar a sua linguagem, a única que dominava na perfeição, como meio de sedução ou de comunicação. Para ela, era inconcebível não usar perfume, mas pressentia que isso podia fazer com que fosse rejeitada. Sentiu-se impotente. E, no entanto, era ele que ela queria ardentemente receber.

[...]

Para ela e para o seu amigo perfumista, os perfumes não eram um mundo superficial. Mudar a imagem e a identidade não era uma mentira aos seus olhos, era uma forma de se dar completamente consoante a pessoa que estava à sua frente, uma forma de responder à visão do mundo de cada um, circunscrita à noite. Uma miragem ou uma peça de teatro não são menos reais do que um dia-a-dia sem adornos. Mas como este não era uma resposta para ninguém, parecia-lhe ser uma postura preguiçosa. Para ela, o perfume é muito mais do que uma simples história de sedução. Ela "vivia" intensamente cada perfume, como uma atriz que representa um papel. Ela era esse corpo que encarnava um perfume. Era a primeira vez que tinha de ser "ela", sem o espelho que eram os olhos dos outros. Sabia que não tinha personalidade própria, mas achava que não havia nada de errado nisso. Cada um dos seus papéis continha uma parte de verdade, de tal forma que ela considerava estar inteiramente nessas relações e que, uma vez retirados esses trajes, só restava uma jovem com sentimentos por essa pessoa, os únicos sentimentos que ainda não tinham sido encarnados de forma concreta, que ainda flutuavam no seu sonho. Era com esses sentimentos que queria unir-se, com as íris e as rosas de Florença. Fazia tudo o que podia para que o perfume e todos os elementos voláteis entrassem no seu corpo, para esquecer o cheiro que era o seu. Como quando o amor preenche uma pessoa até à exaustão, até ela se esquecer que está apaixonada, porque já não há espaço para outros sentimentos.